

VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NA ANTIGA ALDEIA DE N. S. DA ESCADA DOS ÍNDIOS DE OLIVENÇA (ILHÉUS, BAHIA, BRASIL) - EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS E PRÉ-HISTÓRICAS

Guilherme Albagli de Almeida

Professor Titular de História da Arte, Universidade Estadual de Santa Cruz
Departamento de Letras e Artes
TV. Afonso de Carvalho, 76 Pontal
Ilhéus, Bahia, Brasil
CEP: 45 654 390
guilhermealbagli@hotmail.com

Álvaro Coelho Barbosa de Alencar

Designer Gráfico, Universidade Estadual de Santa Cruz
Editora Universitária
Rua Reinaldo de Andrade Souza, 346
Bairro de Fátima, Itabuna, Bahia, Brasil
CEP: 45 604 107
alvaroe10@oi.com.br

Vestígios Arqueológicos na Antiga Aldeia de N. S. da Escada dos Índios de Olivença (Ilhéus, Bahia, Brasil) - Evidências Históricas e Pré Históricas

Guilherme Albagli de Almeida

Álvaro Coelho Barbosa de Alencar

Historial do artigo:

Recebido a 06 de outubro de 2016

Revisto a 03 de novembro de 2016

Aceite a 07 de novembro de 2016

RESUMO

No ano de 2003, adquirindo-se um lote residencial na área da antiga aldeia jesuítica “*Nossa Senhora da Escada dos Índios de Olivença*” - hoje Olivença, um distrito suburbano ao sul da cidade de Ilhéus - procedeu-se uma limpeza do mesmo por tratar-se de uma área de dejeção de lixo doméstico, por vários anos. Separou-se restos de construção civil com fragmentos de concreto armado e seus vergalhões de ferro, ossos de bovinos, peças eletromecânicas, latas, plásticos, restos de móveis, vidro e até uma prótese dentária desgastada, de pequeno tamanho. Ao meio desse material, artefatos líticos lascados, alguns retocados, com marcas de uso, e um artefato polido, entre outros, foram ali encontrados durante tal limpeza, sendo depois realizado um mapeamento indicativo da sua distribuição espacial. Tais achados casuais sucitaram uma busca mais ampla e intencional de outras evidências numa sondagem prospectiva e em outros lotes vizinhos.

Palavras-chave: Arqueologia Casual, Arqueologia Histórica, Arqueologia Pré-Histórica, Arqueologia Tupiguarani.

ABSTRACT

In 2003, after being acquired a residential parcel at the area of the ancient jesuitic village “*Nossa Senhora da Escada dos Índios de Olivença*” (our lady of the stair of the Olivença’s indians), today Olivença, a suburban district at the southern tip of the city of Ilhéus, a general cleansing of it was performed, because it served for years as a dejection area for domestic garbage and other elements. It was proceeded a selection of these materials, which included construction debris with fragments of concrete with its iron components, bovine bones, motor electric implements, metallic cans, plastics, fragments of furniture, glass, and other evidences. among these contemporary evidences, lithic chipped artifacts, including some retouched ones, some showing clear marks of use, as well as a curious polished element and other evidences were later plotted in a distribution map. These elements led to a more intentional search for other evidences, not only in that first parcel focused, but in a few other neighboring areas.

1. Justificativa do Estudo

Ainda que sejam hoje recomendados estudos arqueológicos previamente planejados e precedidos por hipóteses objetivas a serem – ou não – materialmente sustentadas, sobre alguma realidade relativa a alguma cultura extinta, relatos de achados casuais de certas evidências podem ser de alguma valia, servindo para direcionamento ou introdução a estudos mais extensos e completos sobre o potencial informativo presente numa certa área.

Embora sejam numerosos os estudos arqueológicos em alguns setores do litoral brasileiro, principalmente no Sul e Sudeste do país, em outras áreas tais pesquisas são pouco conhecidas ou praticamente inexistentes. Este é o caso de Olivença, povoação com ocupação humana anterior ao contato europeu, como se denota pela presença de alguns topônimos locais originados na hoje extinta língua Tupinambá: “Tororomba” (tororó-mba’e = coisa que faz tororó = bica d’água); “Buíra” (mba’e-ira = coisa de mel = colméia), Acuípe (akuei-pe = naquele lugar) e “Jairi”, entre outros. Estes cursos d’água foram, sem dúvida, elementos geográficos que permitiram a fixação humana nesta área, pois outras aguadas mais perenes só são encontradas cerca de 15 km do local: ao Norte, na banda do Poente do “Morro da Aldeia Velha” e, para o Sul, no citado riacho “Acuípe”.

Novos estudos arqueológicos deveriam, sem dúvida, ser ali realizados, não apenas nos lotes já observados e aqui descritos, mas em toda a área desta antiga aldeia indígena, fazendo par aos estudos antropológicos e históricos conhecidos, enfocando este núcleo urbano.

2. A Localização do Sítio

A área estudada se localiza no litoral brasileiro, ao Sul das coordenadas LAT. 14º 47’ 20”S e LON. 39º 02’ 58”W (Cidade de Ilhéus; **vd. Figura 1.**).



Figura 1. Vista aérea da área estudada. Fonte: Google Earth 2016

A antiga aldeia indígena em foco se localizava sobre um pequeno outeiro integrante da paisagem física “*Mares de Morros*” - a denominação geomorfológica consagrada pelo eminente geógrafo paulista Aziz Ab’Saber (2003) -, fruto da erosão de um segmento da Formação Barreiras (BIGARELLA, J.J., 1975), ali presente (SENA, N.C.; MOREAU, A. M. S. dos S.; MOREAU, M.S.; s.d.). Tal formação geológica, presente em quase todo o litoral brasileiro - do Amapá ao Rio de Janeiro -, embora heterogênea e com diferentes fácies e espessuras, constitui-se de mantos sedimentares flúvio-marinhos de material arenoso e silteoso (ARAÍ, 2006), de granulometria fina a grossa, angulosa, com entremeios argilosos cinza-avermelhados, sem presença de fósseis ou material rochoso. Sob esta capa sedimentar aqui referida, está o embasamento cristalino local, com fragmentos de diabásios e basaltos junto à praia, na banda Oriental desta elevação. Limita-se a este outeiro, pelo Norte, o ribeirão “*Tororomba*”- uma das muitas onomatopéias Tupinambá-. Pelo lado do Poente está o riacho “*Buíra*”, nesta mesma língua indígena -. Pelo lado do Sul está o filete d’água “*Bica dos Milagres*”, cada dia mais ressecado. Estes pequenos cursos serviram - e ainda servem - de aguada para os moradores locais.

A população local hoje cresce vertiginosamente com a ocupação da área por loteamentos para moradias de veraneio e de uso permanente.

3. A Flora Local

A ocupação humana da área, intensiva após o início do Século XX, destruiu grande parte da flora anterior ao contato europeu, mas uma reserva florestal relativamente próxima, ao Noroeste da Cidade de Ilhéus - a “*Mata da Esperança*” -, ainda nos oferece uma parca ideia da antiga cobertura vegetal local, com árvores de médio e grande porte onde não eram incomuns jacarandás, massarandubas, pau-brasil, cedros, jequitibás, sucupiras e outras espécies de valor.

A “biriba (*Rollina mucosa*, ou biribá, araticum, fruta de conde, da condessa, graviola brava. vd. Figura 2.)”, também ali abundante, tem a característica de lançar, desde a sua base, longos galhos verticais de cerne muito resistente, que podem atingir de 6 a 18 metros de alto (GOMES, 2000), e serem recolhidos sem a destruição da matriz, que continua viva e produzindo os seus rebentos. Seus galhos linheiros, após descorticados, podem ser usados na confecção de arcos, lanças, flechas e no engradamento de construções diversas.

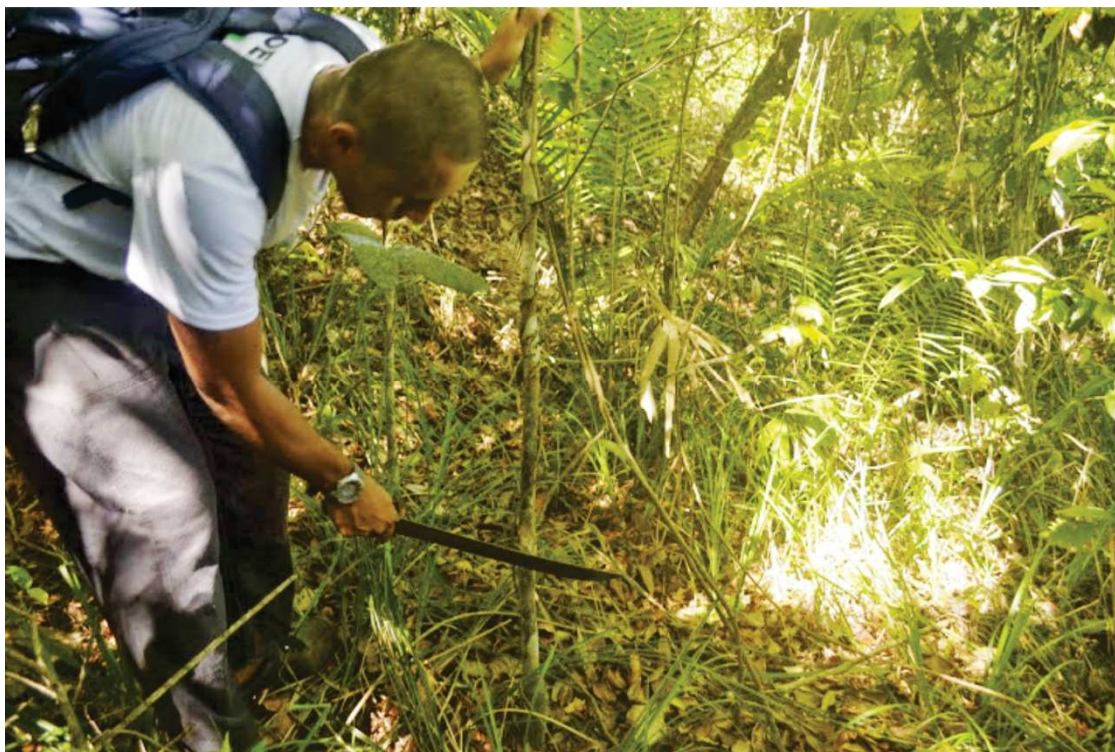


Figura 2.. Mateiro cortando um galho da Biriba. Fonte: <http://www.berimbauverde.eco.br/>

4. A Fauna

Mamíferos de grande e médio porte, como onças (*Panther onça*. vd. **Figura 3.**), tamanduás (*Myrmecophaga Tridactyla*), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), lontras (*Lutra longicaudis*), símios, além de aves e répteis foram intensivamente caçados na região, estando hoje praticamente extinta esta primitiva fauna, remanescendo hoje, todavia, pouco mais que alguns mamíferos menores como os quatis, saruês, tatus e alguns roedores menores. Estes animais eram abatidos para o consumo da carne, para o uso dos seus dentes em pontas de flecha e adornos corporais, sendo o seu couro utilizado em finalidades diversas, às vezes amaciado pela frotção com areias e sua imersão em soluções tanínicas. Segundo comunicação verbal do historiador Prof. Dr. Marcelo Henrique Dias, da Universidade Estadual de Santa Cruz, eram numerosas as onças nesta área estudada, levando aos jesuítas de Olivença afirmaram, numa certa época, que não criavam gado por ser este, costumeiramente, ali atacado por tais felinos de grande porte.



Figura 3. "laguareté", a onça pintada verdadeira. Fonte: <http://portalbrasil10.com.br/onca-pintada/>

Na praia em frente ao pequeno núcleo urbano não mais aparecem os berbigões (*anomalocardia brasiliana*. **vd. Figura 4.**) – moluscos bivalves antes abundantes em todo litoral brasileiro, algumas vezes coletados já no período histórico para serem fervidos em água salgada e, com o caldo resultante, ser preparada uma papa apimentada, engrossada com a farinha da mandioca. Há alguns milênios, todavia, no litoral brasileiro, a temperatura e composição química da água marinha favoreceu a reprodução de gigantescas quantidades deste molusco que, junto às ostras (*Crasostrea rhizophores* e *Crasostrea brasiliana*), serviram para a elevação dos "sambaquis (concheiros)" com as suas cascas, principalmente na parte sulina do litoral brasileiro.



Figura 4. Um escabadeiro bem temperado de berbigões. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Prato_de_berbig%C3%A3o.png

5. A Ocupação Humana

Vestígios das antigas populações que passaram pelo litoral brasileiro foram grandemente apagados pelas regressões e transgressões oceânicas, causando drásticas flutuações do nível marinho, que esteve a cerca de 140 metros abaixo nível atual, há cerca de 20-15 000 anos AP e a c. de 3 metros mais alto, há c. 7 de 000 anos AP. Assim, os mais antigos ocupantes da terra, hoje conhecidos, foram os índios caçadores-coletores Aymoré (SOARES DE SOUZA, G., 2000:229), falantes de uma língua integrante da grande família Macro-gê, que não construíam simples choupanas de varas, cipós (sarmentos) e palha, - e muito menos aldeias-, vivendo ao relento e escondendo-se acorados em baixo de árvores, em dias de chuva. Os numerosos grupos falantes desta família linguística Macro-gê são, por alguns, considerados remanescentes das primeiras levas humanas que cruzaram o estreito de Behring, vindos da Ásia às Américas, durante a glaciação do Würm. Os Índios Kaingang, integrantes desta mesma família linguística e que ainda hoje habitam o Sul Estado de São Paulo, nos deixaram vestígios líticos muito semelhantes a certos artefatos congêneres encontrados no Sul Baiano.

As ocupações locais mais recentes são representadas pelos horticultores Tupiguarani - grupos Tupinambá, da variante "*Tupinakya (Tupiniquim)*" (SOARES DE SOUZA, idem) -, possivelmente originados do México, em eras remotas, passando pela Amazônia e, depois, ao Maranhão, conforme tradição oral passada pelos Tupinambá da Bahia de Todos os Santos ao acima citado cronista português, no Sec. XVI. Plantavam roças de feijões, milho, abóboras, pimentas e a preciosa mandioca com a qual fabricavam diversos subprodutos, como a citada "*farinha de mandioca*", o versátil alimento de alto teor energético de alta durabilidade, ainda amplamente consumido e muito apreciado do Norte a Sul do país. Acredita-se que o domínio desta tecnologia de fabricação alimentar teria lhes permitido guerrear os Aimoré com o auxílio das suas canoas e estoques deste alimento não perecível, ocupando, assim, as terras litorâneas - ricos "*ecotonos*", onde eram fartos e variados os alimentos do mar, do rio, da praia, do céu e da mata -. Após a chegada destes novos grupos indígenas, os antigos ocupantes locais foram grandemente expulsos às matas do interior, a cerca de 30 km do mar. Apenas poucos núcleos das antigas populações remanesceram próximos ao litoral, como em Tapuia, um povoado próximo a Camamú, cidade ao Norte de Ilhéus; na tríplice fronteira dos estados da Bahia com Minas Gerais e Espírito Santo – a "*Serra dos Aimorés*"- e, até o início do século XX, na "*Lagoa do Guerém*", a atual "*Lagoa Encantada*", ao Norte do Município de Ilhéus. Ali, no entorno desta lagoa, havendo sido intensa a ocupação humana pré-colonial, não foi raro o achado casual de pedras de machados polidos em coriscos (meteoritos) ou pequenas pontas de flecha, talhadas em cristal de rocha transparente, sobre "*sambaquis (concheiros) sujos*" - aqueles com pouca densidade de restos marinhos e uma grande parte de material arenoso (cf. comunicação pessoal de CALDERÓN, V., em 1968)-.

No ano de 1536 chega à área de Ilhéus a comitiva de Francisco Romero, lugar-tenente de Jorge de Figueiredo Correa, escrivão da Corte de João III e donatário da "*Capitania de São Jorge*", que se localizava entre a foz do rio Jaguaripe, ao Sul da Baía de Todos os Santos (c. 300 Km) e, segundo alguns autores, até foz do rio Pardo, ao Norte da atual cidade de Canavieiras (c.70 Km). Depois de algumas décadas de grande progresso, que elevou a população da Vila de São Jorge para 400 vizinhos - quando quatro igrejas eram ali construídas, simultaneamente, com a ajuda dos mansos Tupinakya locais, retornam os bravíssimos índios Aymoré, queimando engenhos situados às margens dos diversos rios que desaguavam nas proximidades da Vila de São Jorge. A população local de colonos europeus decresce, então, drasticamente (**vd. Figura 5.**).

lavradas em arenito com a recorrente representação, neste século, de fitas entrelaçadas; alguns consideram a escolha deste motivo decorativo como uma alusão à serpente, antes adorada pelos índios. Sobre esta portada, está o emblema da Companhia de Jesus, em forma de sol, outra divindade dos antigos ocupantes da terra. A citada igreja é datada de 1699 e não se sabe se esta datação se refere ao início ou término da sua construção. Um mapa de João Teixeira Albernaz (o pai), contudo, já assinala a “Aldeia dos Padres”, no local, antes da sua morte, em 1666 (ADONIAS, I., 1993:196).



Figura 6. Panorama da Igreja de N. S. da Escada, Olivença, anos 1980. **Fonte:** IPAC - BA., 1981.

Um ano depois, em 1818, por aqui passam SPIX & MARTIUS, relatando a presença de 4000 “índios mansos”, descendentes dos Tupinakya, influenciados pela catequese jesuítica, que plantavam milho e mandioca na área. Em Olivença viviam 800 destes índios, já miscigenados com os vizinhos Guerém (ou Krem, Kraô, Acroá), do tronco Macrogê. Fabricavam contas de rosário de coco da palmeira piaçava, as exportando à capital, Salvador. Cordas e vassouras (“escovas”) de piaçava e esteiras, tingidas de vermelho e amarelo - segundo a tradução de PIRAJÁ DA SILVA (CAMPOS, 1981:197), com o endêmico pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), que oferece uma tintura avermelhada, e a fruta tatagiba (*Maclura tinctoria*), esta originada do

sertão. Tal referencia histórica nos permite deduzir eventuais deslocamentos dos antigos habitantes locais às partes mais interiores do país.

ANEXO 1: O Sítio Estudado

Foram realizadas observações casuais e prospecções intencionais nos seguintes pontos, todos dentro de um círculo de aproximadamente 100 metros de raio.

PONTO 1 (vd. Figura 7): No fundo de uma pequena casa voltada à parede traseira da citada igreja, foi localizado um matacão praiano abandonado por mais de três séculos na meia encosta do morro (Peça OLD1).



Figura 7. Vista frontal da casa onde, nos fundos, está hoje enterrado o matacão de basalto. **Fonte:** Google Earth, 2016.

PONTO 2 (vd. Figura 8): No terreno de 250m² sito à rua Almerindo Sarmiento, N. 44, medindo 10m de frente e 25 de frente a fundo, com um desnível de cerca de quatro metros da frente ao fundo, foram localizados três principais pontos de concentração de vestígios, durante os trabalhos preparatórios para a construção de uma pequena casa de taipa (<https://www.youtube.com/watch?v=hLXYPj-AEtQ>), hoje extinta e substituída por outra de alvenaria, com o mesmo tamanho e situação da anterior. A finalidade desta pequena construção era servir de sede para o pequeno e alternativo “Museu da Arte Rupestre”, servindo ao público escolar de segundo grau local e, eventualmente, às aulas de encerramento dos cursos de História da Arte (LTA-001) do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (Peças OL).



Figura 8. Vista da rua Almerindo Sarmiento, onde está o “Museu da Arte Rupestre (hoje desativado)”. **Fonte:** Google Earth, 2016.

PONTO 3 (vd. **Figura 9**): Atelier de artesanato, onde foi localizado num estoque de madeira para lenha colunelos do antigo coro desmontado da igreja local (Peça OM1).



Figura 9. Vista do atelier de artesanatos à rua Almerindo Sarmiento. **Fonte:** Google Earth, 2016.

PONTO 4 (vd. Figura 10, Google Earth, 2016): Localizados uma soleira (ou peitoril) lavrado em arenito calcífero praiano e outros artefatos líticos em rochas exógenas. (Peças OCS).



.Figura 10. Vista do imóvel no lado do poente da igreja. Fonte: Google Earth, 2016.

ANEXO 2- Estudo das Peças Observadas

OM1: Colunelo de madeira muito pesada resgatada do antigo coro desmontado da igreja local (vd. Figura 11). Mede 960 mm. no comprimento e 96mm. na sua parte mais larga, pintado com tinta à base de água, hoje apresentando uma pátina de cor cinza-azulada em tom claro. Esta peça está hoje exposta no Museu-Vitrine das Artes Visuais do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus.



Figura 11. Colunelo Barroco do coro desmontado da Igreja. Fonte: Fotografia de Álvaro Coelho.

OLD1: Matacão com cerca de 90x40x40cm, de rocha de cor negra, com grão muito fino, parecendo ser constituído do basalto ali recorrente. O seu extremo peso, ou a constatação da sua pouca necessidade nas obras da construção da igreja local, fizeram com que o mesmo fosse ali abandonado, estando hoje soterrado a uns dois metros de profundidade, numa ampliação aos fundos de uma pequena construção residencial, na rua ao fundo da igreja.

OCS1: Fragmento da soleira ou peitoril da sacristia da banda Oeste, hoje demolida, da citada igreja (vd. Figura 12). Lavrado em arenito calcífero retirado de uma jazida praiana, no “Porto da Lancha”, este a poucos quilómetros ao Norte da aglomeração. Fala-se de vestígios das marcas do corte das lousas usadas na construção da igreja, naquele local sem, contudo, haver sido

confirmada esta informação. Foi encontrada escorando a porta de um casebre arruinado num terreno baldio em frente ao bloco demolido para a passagem da “Estrada da Sapucaieira (a rua Almerindo Sarmiento, nos seus primeiros metros)”.



Figura 12.Soleira ou peitoril de envasadura da citada igreja. **Fonte:**Foto Ed Ferreira

OL28: Polidor em rocha calcária sedimentar exógena à área estudada (muitos dos artefatos seguintes são trabalhados em rochas exógenas e de jazidas distantes). Aparecem ranhuras estriadas como se houvesse sido usada para o atrito de areia sobre algum material. Medida longitudinal (ML)=130mm. Quadrícula 5.(Fila superior da foto acima, peça 1 da esquerda à direita).

OL1: Cavador com três picotes no gume. Quadrícula Lote 44 N. 135. ML=105mm. (fila 1, peça 2).

OL11(P5): Cavador com três picotes no gume. ML=110mm. (f1p3).

OL22: Cavador longitudinal. Q156. ML= 90mm. (f1p4).

OL40: Cavador longitudinal. Q154. ML= 90mm. (f1p5).

OL18: Raspador com gume com marcas de uso. Q 33).ML= 140mm. (f2p1).

OLCS9: Fragmento de cortador, possivelmente parte do OL(CS)24. ML= 60mm.(f2p2).

OL(CS)24: Fragmento de cortador. Possivelmente parte do OL(CS)9. ML= 110mm. (f2p3).

OL45: Cavador longitudinal. Q163. ML=97mm. (f2p5).

OL17: Raspador com marcas de uso. Q134. ML=135mm. (f3p1).

OL14: Cavador com três picotes. Q123.ML=125mm. Q123. ML=125. (f3p2)

OL16: Cavador alongado. Q4. ML=107. (f3p4).

OL2: Cavador alongado. Q183. ML= 100. (f3p4).

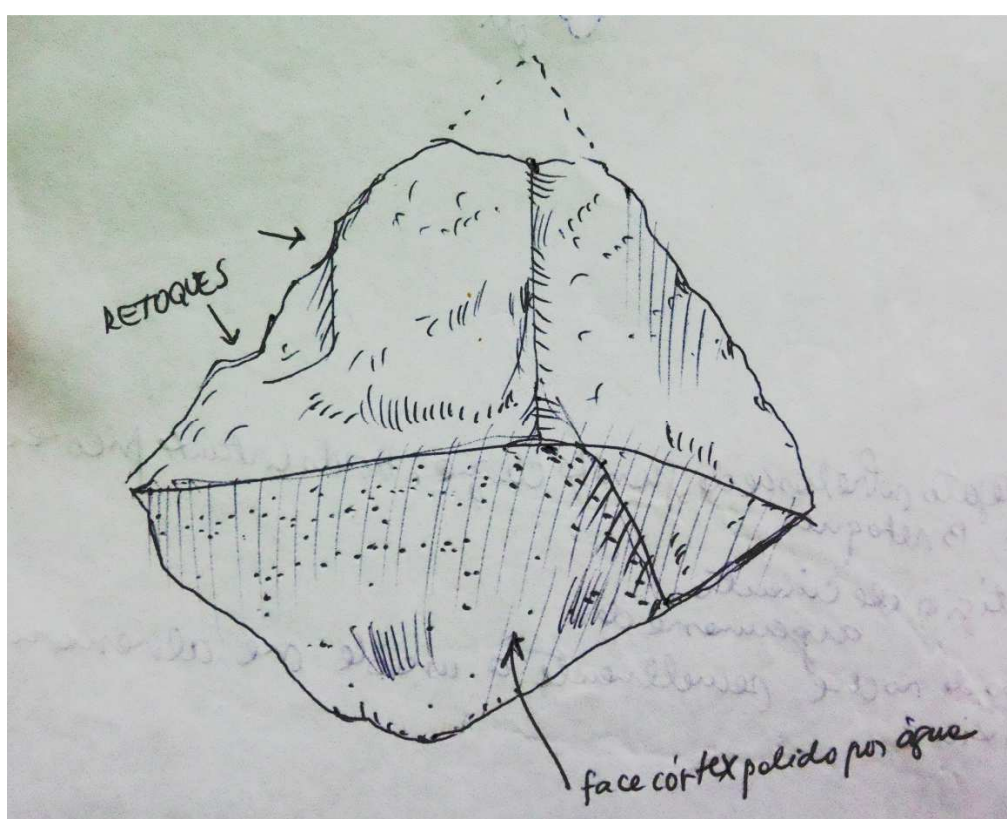
OL5: Fragmento de cavador encabado (?). Marca de um possível rebaixo e aleta para amarração. Q113. ML= 85mm. (f4p1).

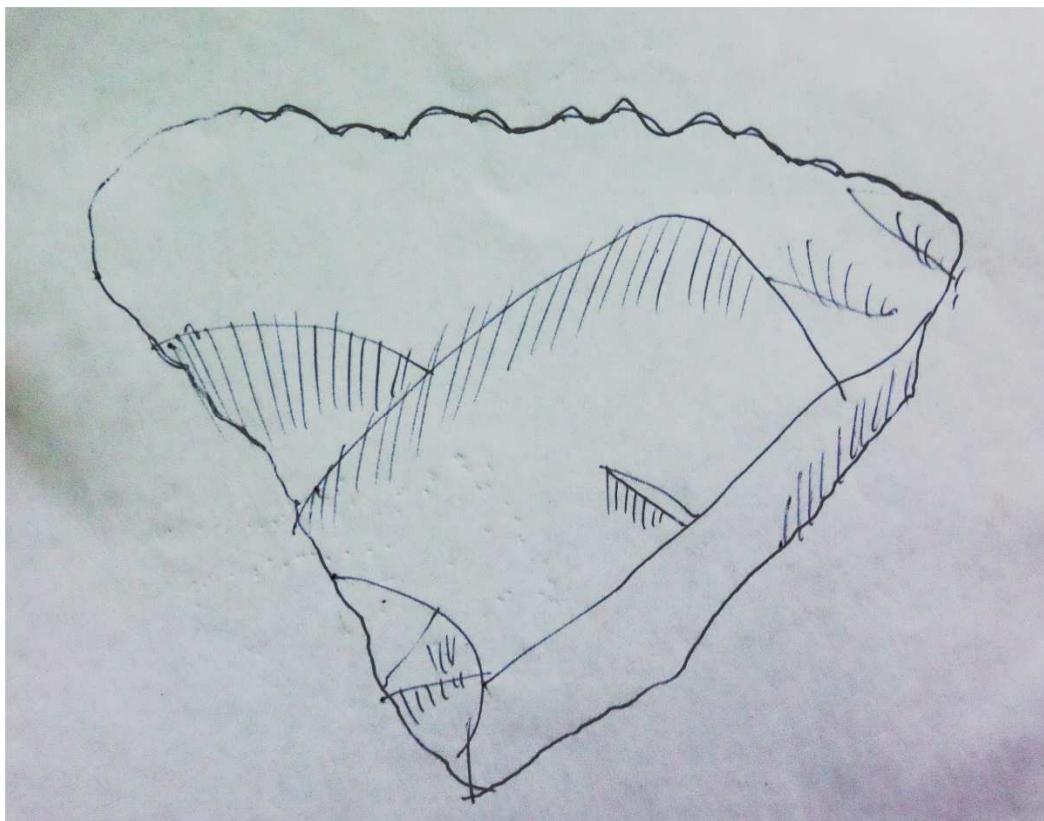
OLCS13: Fragmento de cortador (possivelmente encabado, com rebaixo para amarração). ML= 110. (f4p2).

OL30: Fragmento de cavador (?). ML=80. Q25. (f4p3).



ANEXO 3: Croquis de Peçasnão Fotografadas (ESC. 1:1)





6. Conclusões

Conforme exposto, as breves informações aqui apresentadas apenas nos convidam à busca de outras evidências mais numerosas, variadas e consistentes, permitindo interpretações mais acuradas sobre a cultura dos antigos ocupantes da terra, antes e depois do período histórico. Contudo, pode-se vislumbrar pela amostragem observada:

A força do trabalho coletivo indígena, comandado pelos padres da Companhia de Jesus, levando ao alto, da praia adjacente, as pedras usadas na construção da igreja.

Pode-se atestar a intensa atividade agrícola local, com os artefatos diversos passíveis de serem usados na escavação da terra, plantio e colheita de vegetais.

Um artefato polido - em rocha exógena (como todas demais observadas) -, passível de uso no amaciamento do couro de mamíferos de porte.

Artefatos com marcas de uso, com reentrâncias semilunares passíveis de uso no descorticamento de varas de pequeno diâmetro.

Elementos pontiagudos assemelhando-se a furadores, com suas pontas quebradas ou desgastadas.

O fragmento de soleira de porta (ou peitoril de janela) reafirma a existência de uma ala Oeste, possivelmente usada como sacristia alternativa da citada igreja.

O colunelo torneado em e madeira muito pesada, ainda não identificada a espécie vegetal na qual foi torneada, em estilo barroco, serve de modelo para uma eventual restauração científica desta igreja simples, mas imponente que tem, hoje, as cantarias do portal frontal pintado com tinta à base de resina sintética e alumínio, um sacrilégio à genuinidade destes elementos escultóricos.

As cascas de berbigão descartadas em profusão na parte central da banda Norte do lote OL atestam a eventual necessidade de alimento alternativo, por algum ocupante da área onde foi lançado.

Um minúsculo fragmento de osso humano, com cerca de dois centímetros de comprimento poderia atestar algum enterramento doméstico no local.

E por fim, sem que seja o menos importante, um pequeno fragmento de azulejo português, esmaltado em azul, branco e amarelo, semelhante aos existentes em profusão nas paredes interiores de muitas igrejas setecentistas na primeira Capital do Brasil Português, a Cidade do Salvador.

Bibliografia Citada

AB'SABER, A.N. – **Os Domínios de Natureza no Brasil -O Potencialidades Paisagísticas**. 6ª Ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

ADONIAS, I.- **MAPA. Imagens da Formação Territorial Brasileira**. Ed. Fundação Emílio Odebrecht, Rio de Janeiro, 1993.

ARAÍ, M.- **A Grande Elevação Eustática do Mioceno e sua Influência no Grupo Barreiras**. Geologia USP, Série Científica, São Paulo, V.6, N.2, 2006.

BIGARELLA, J.J.- **The Barreiras Group in Northeastern Brazil**. In Acad. Bras. C.47 (suplemento), pp. 366-392, 1975.

CALDERÓN, V.- **Aula privada no Laboratório de Arqueologia da FCH/UFBA**. Canela, Salvador, 1968.

CAMPOS, J.B da S.- **Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Rio de Janeiro, Ed. MEC, 1981.

CASTRO E ALMEIDA. **Inventário**. 1918, v. 10.

DIAS, M.H.- **Comunicação pessoal ao autor**. out. 2016.

GOMES, R.P. **Fruticultura Brasileira**. São Paulo, Nobel. 2000. ISBN 852130126x.

IPAC Ba- **Inventário de Proteção ao Acervo Cultural**. Salvador, Secretaria da Indústria e Comércio, 1988.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. 1945.

SENA, N.C.; MOREAU, A.M. S. dos S.; MOREAU, M.S. - **A Compartimentação Geomorfológica para a Análise da Paisagem. Estudo de Caso no Município de Ilhéus, Bahia - Brasil**. in <observatoriogeograficoamericalatina.org.mx.egal14procesosambientales>.

SOARES DE SOUZA, G.- **Tratado Descritivo do Brasil**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Ed. Itatiaia, 2000.

SPIX, J. B. von & MARTIUS, C.F.P.von - **Viagem pelo Brasil**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1981. 3 vols.

Trabalho dedicado a S.L. de O. Mattos, I. Carvalho e E.P. Ferreira.